

FONTE : Veja

CLASS. : 21

DATA : 23 11 88

PG. : 73

Ambiente

Guerra do fogo

Cientista diz que satélite exagerou as queimadas

Depois de ganharem as manchetes de jornais em todo o mundo, as queimadas e o desmatamento da Amazônia voltaram a pegar fogo na semana passada. Durante o VII Congresso Latino-Americano de Geologia, realizado em Belém, no Pará, o ecólogo americano radicado no Brasil Philip Fearnside, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, contestou os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe, de São José dos Campos, segundo o qual apenas em 1987 foram queimados 20 milhões de hectares na Amazônia legal. "Houve uma superestimativa do Inpe", diz Fearnside, que há catorze anos desenvolve estudos sistemáticos sobre o desmatamento da região e tem sido um dos mais severos críticos da ocupação desenfreada da Amazônia. Segundo ele, o Inpe foi induzido ao erro devido a uma deficiência de seu principal instrumento de sensoriamento remoto — o satélite americano NOAA-9.

Com base em fotos tiradas pelo satélite NOAA-9, o Inpe verificou que dos 20 milhões de hectares consumidos pelo fogo, 8 milhões — ou 80 000 quilômetros quadrados — seriam de florestas primárias recém-derrubadas. Segundo os cálculos de Fearnside, que tomou como base material registrado pelo mesmo NOAA-9, a área de florestas recém-derrubadas atingida pelas queimadas não ultrapassa 35 000 quilômetros quadrados — ou seja, menos da metade dos números apresentados pelo Inpe. O choque de números entre o Inpe e Fearnside não é apenas o reflexo dos resultados de metodologias diferentes. Fearnside descobriu a falha na leitura do satélite americano ao comparar suas medições com outras feitas em áreas sobre as quais seu conhecimento direto é irrefutável. "Mesmo em meus cálculos a área queimada ainda é imensa e absurda, equivalente a

uma vez e meia a área da Bélgica. Infelizmente os pesquisadores do Inpe foram induzidos ao erro por deficiências do próprio satélite", adverte Fearnside.

ENGANADO — O NOAA-9, satélite destinado à medição meteorológica, flutua a 833 quilômetros da Terra. Cada uma de suas fotografias registra uma área de 1,2 milhão de metros quadrados. Ele é inadequado, contudo, no sensoriamento das queimadas. Sob as altas temperaturas do fogo, o sensor do satélite — que detecta as irradiações vindas da Terra — fica saturado e acaba sendo enganado pelo calor. "As diferenças variam com a temperatura, mas uma queimada de 30 metros quadrados acaba sendo registrada como se 1 milhão de metros quadrados estivesse debaixo das

chamas", diz Fearnside. "Há uma imprecisão do satélite e isso pode gerar uma variação dos números, que não são absolutos", reconhece o físico Alberto Setzer, responsável pelo sensoriamento remoto do Inpe. "Procuramos, durante todo o trabalho, subestimar as grandezas para evitar os possíveis erros", afirma Setzer. Mas ele não acredita que seus dados estejam tão distantes da realidade como aponta Fearnside.

À cata de informações mais precisas e definitivas sobre a devastação da Amazônia, o Inpe decidiu realizar, ao lado do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, um novo trabalho sobre o Estado de Rondônia — cujas taxas de desmatamento também geraram controvérsias. "Os dados da Nasa, a agência espacial americana, estão muito próximos dos nossos", diz Setzer. "No entanto, vamos aguardar os novos resultados para ver quais dados estão errados." O Inpe informou que a área queimada em Rondônia no ano passado equivale a 18,7% da área total do território — ou 45 452 quilômetros quadrados. Os cálculos de Fearnside indicam números diferentes — mas não menos assustadores. Segundo ele, o Estado tem uma área desmatada de 15,1%.

"A área queimada não pode ser maior que a área desmatada", acredita Fearnside, que, para o estudo sobre Rondônia, contou também com a ajuda do satélite americano Landsat, que registra fotografias com áreas menores, de 30 a 80 metros quadrados, o que lhe dá maior precisão. A guerra de estatísticas tem o poder de manter acesos os holofotes sobre o drama ecológico da Amazônia, que a cada 5 segundos perde o equivalente a um campo de futebol em virtude dos desmatamentos e das queimadas. "Só nos últimos dez anos conseguimos desmatar seis vezes mais do que foi devastado desde o período pré-colombiano", diz Fearnside. "A destruição da Amazônia faz mal a todo o planeta", ecoa Alberto Setzer, do Inpe. ●

"A área queimada não pode ser maior que a área desmatada", acredita Fearnside, que, para o estudo sobre Rondônia, contou também com a ajuda do satélite americano Landsat, que registra fotografias com áreas menores, de 30 a 80 metros quadrados, o que lhe dá maior precisão. A guerra de estatísticas tem o poder de manter acesos os holofotes sobre o drama ecológico da Amazônia, que a cada 5 segundos perde o equivalente a um campo de futebol em virtude dos desmatamentos e das queimadas. "Só nos últimos dez anos conseguimos desmatar seis vezes mais do que foi devastado desde o período pré-colombiano", diz Fearnside. "A destruição da Amazônia faz mal a todo o planeta", ecoa Alberto Setzer, do Inpe. ●



MANI GOIS



INPE

Fearnside e a foto do NOAA-9 na Amazônia: falhas no sensor ampliam as áreas de queimadas (indicadas pelas manchas brancas)